

BINGEMER, M. C. L.

Mística na serra. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro - Brasil, p.7 - 7, 15/04/2002.

MÍSTICA NA SERRA

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Eram cinco horas da tarde de uma terça feira de calor escaldante quando comecei a subir a serra em direção ao hotel Quitandinha, em Petrópolis, a fim de participar de uma mesa redonda na Bienal do Livro. O tema – Mística – me alegrava, como sempre, o coração. Não impedia, no entanto, que me fizesse no fundo, a pergunta: haverá alguém que no fim da tarde de um dia de semana de verão, queira se deslocar para ouvir falar de mística durante duas horas?

O hotel , com seu vetusto luxo de épocas passadas, recebia um número razoável de visitas que passeavam entre os estandes das distintas editoras ou tomavam chá no simpático café literário ali instalado. Tratava-se principalmente de pessoas comuns, vindas do trabalho ou de casa, jovens e adultos amantes da leitura, além de alguns estudantes de teologia leigos ou religiosos.

Passava um ouço das 19 hs quando, com meus companheiros de mesa, nos dispusemos a falar, no Auditório número 1, sobre Mística Islâmica, Mística Cristã, Mística no Candomblé, e Mística e Diálogo entre as Religiões. E, para nossa surpresa, o fizemos para um auditório que, já bem concorrido no princípio, foi recebendo mais e mais participantes até ficar literalmente lotado já quando o primeiro painelistas iniciava sua exposição. Com evidente interesse, o público acompanhou as exposições, que passaram de duas horas e ainda prolongou sua presença com perguntas que chegavam à mesa, abundantes e instigantes.

A grande procura e o palpável interesse experimentado naquela mesa redonda em Petrópolis veio a confirmar uma vez mais uma convicção que parece se impor com evidência sempre maior nos últimos tempos em que vivemos: a de que a mística hoje parece voltar ao proscênio do debate teológico e também do estudo das religiões comparadas. Mas não apenas isso: parece voltar igualmente ao centro do desejo, da busca e da sede do cidadão comum, daquele que vive o cotidiano tenso e violento deste início de século e percebe que dentro de si está bem vivo o desejo pela experiência profunda de Deus.

Definida pela teologia clássica como "cognitio Dei experimentalis" (conhecimento de Deus por experiência) ou por tomistas do porte de Jacques Maritain como "experiência frutiva do absoluto" , a mística está novamente na ordem do dia. E esse inegável interesse por ela despertado, dá testemunho da busca e da sede humanas pela experiência do Transcendente, pela fruição e saborear do Absoluto . Sede essa que sempre acompanhou o ser humano em seu caminhar histórico, mas cujo recrudescer atual teria sua raiz, a nosso ver, na assim chamada crise da modernidade ou advento da fragmentada pós-modernidade, assim também como no movimento de ressacralização mais ou menos apressada e anárquica do mesmo mundo do qual a razão moderna apressou-se em proclamar o desencantamento e a secularidade sem remissão.

A sede do sagrado, a sede pelo mistério e por sua direta experiência em distintas formas, aparecendo após o "banimento" ensaiado pela secularização e

anunciado aos quatro ventos pelos mestres da suspeita, denota um aparentemente novo emergir de valores como a gratuidade, a oração, trazendo à baila critérios de verificação tais como o desejo, o sentimento e a re-descoberta em nova dimensão da natureza e da relação do homem com o planeta.

No fundo, o crescimento deste interesse e desta sede pela mística é um sintoma de que o ser humano está cansado e desencantado com a solidão em que se vê imerso pelo encurtamento de horizontes que a sociedade hoje lhe impõe. A sobrevivência em nossos tempos parece exigir a competitividade, através do uso de quaisquer meios. E a corrida desenfreada pelo ter, pelo status, pelo poder, vão sendo ganhas ao preço da eliminação do outro, que é sempre um rival a tirar do caminho; pelo acumular de bens perecíveis cuja posse está sujeita às oscilações do mercado e faz dos ricos de ontem os desgraçados de hoje e de amanhã; que faz da abundância de meios à disposição a perpétua frustração dos fins não alcançados e sempre mais distantes.

Na contramão deste caótico viver, a mística é um caminho. Caminho de relação com o outro – e, neste caso, com o Outro que é Deus. O elemento da relação gratuita e amorosa é constitutivo mesmo da experiência mística. E no caso da mística cristã, esse outro, essa alteridade, tem o componente antropológico no centro de sua identidade, uma vez que o Deus experimentado se fez carne e mostrou um rosto humano. Tudo que releva da experiência mística, portanto, não pode desviar ou abstrair ou mesmo dis-trair daquilo que constitui a humanidade do ser humano. É paradoxalmente na similitude mais profunda com o humano que o Deus da revelação cristã vai mostrar sua diferença e sua alteridade absolutamente transcendentais que se aproximam delicadamente e convidam à experiência e à relação de comunhão.

Descendo a serra, já de noite, pensei naquele auditório cheio num fim de tarde de um dia útil e laborioso. E senti a confirmação de que a mística nos tempos atuais, talvez mais do que em outros tempos, está mais do que nunca desafiada, para re-descobrir seu lugar e seus caminhos, a olhar para o humano como via necessária para o divino. Assim poderá estar ajudando efetivamente a esta sofrida humanidade a encontrar as vias necessárias para fazer face às grandes urgências do momento atual: a paz, a justiça, a equidade.

Maria Clara Lucchetti Bingemer é professora do departamento de Teologia da PUC-Rio e coordenadora do Centro Loyola de fé e cultura da mesma universidade.